

**"LAPA: DO ONTEM AO HOJE. DO HOJE AO AMANHÃ.
RESGATANDO A SUA MEMÓRIA."**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Linguagem, Imagem e Ensino de História, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Professora Doutora Teresa Jussara Luporini.

1
L
00

CURITIBA

2000

*Esta monografia é dedicada às
pessoas que acreditam que a
História é o caminho de muitos
caminhos ...*

*E sabem fazer dela o “caminho-
guia” de suas vidas. E,
especialmente ao povo lapeano que
faz a sua História... sempre!*

Obrigado Deus ...

Agradeço o apoio e a orientação da Professora Tereza Jussara Luporini, em especial às amigas Maria Eneida Fantin e Rosana Ribeiro dos Santos, e ao nosso guia na Lapa, Abelardo Padilha Neto, pela atenção, paciência e dedicação. Aos meus pais, Tracema e Otacilio, meu carinho e alegria em tê-los como meus "mestres e amigos da vida". A minha irmã Denise, pela paciência e suporte técnico.

A todos os meus amigos pelo incentivo e que de alguma forma contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

À você querida amiga Luciana Gold Rassi (in Memoriam), que sempre acreditou em mim, fica a gratidão e a saudade de uma amizade eterna!...

Sumário

LISTA DE FOTOS.....	02
RESUMO.....	03
INTRODUÇÃO.....	04
1- Histórico da Cidade da Lapa.....	07
2- Caminhos e Descaminhos dos Tropeiros.....	09
3- O Cerco da Lapa: A Histórias de Muitas Histórias.....	11
4- Encaminhamento Metodológico.....	18
CONCLUSÃO.....	25
5- Implementação do Projeto.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
ANEXOS.....	31

LISTA DE FOTOS

1- Foto nº 1	Monumento ao Tropeiro.....	32
2- Foto nº 2	Monumento ao Tropeiro.....	33
3- Foto nº 3	Theatro São João.....	34
4- Foto nº 4	Theatro São João.....	35
5- Foto nº 5	Monumento ao General Carneiro.....	36
6- Foto nº 6	Casa Lacerda.....	37
7- Foto nº 7	Casa da Memória.....	38
8- Foto nº 8	Museu dos Tropeiros.....	39
9- Foto nº 9	Museu dos Tropeiros.....	40

RESUMO

A pretensão deste estudo é a análise e o resgate da memória da cidade da Lapa, observando, através do esquadramento do meio, elementos que possibilitem o embasamento do estudo da História Local/Regional, visando a sua utilização, especialmente, na disciplina de Metodologia do Ensino da História ministrada nos cursos de Formação de Professores e, conseqüentemente voltada para 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.

Considera-se o pressuposto, do resgate histórico, como fator essencial para se dar um passo adiante e assumir a história local como interpretação, colocando o aluno em contato com as várias construções e reconstruções que se fazem dos processos históricos.

INTRODUÇÃO

A história é a ciência / um ramo da ciência cujo estudo enriquece o instrumental para a compreensão das realidades das sociedades nos diferentes lugares e tempos. Faz parte das chamadas ciências humanas e como tal tem por objeto o homem, mais especificamente as dinâmicas que dão origem às suas maneiras de organizar-se social, econômica e politicamente.

Apesar do seu potencial para a politização do indivíduo e o enriquecimento de sua visão de mundo, a história, enquanto disciplina nos ensinos fundamental e médio não vem sensibilizando os alunos, nem despertando-os para essa importância. Este fato, talvez seja explicado tanto pelo caráter abstrato do objeto de estudo da disciplina quanto pela ênfase teórica dos encaminhamentos metodológicos com que ela é tratada em sala de aula.

A não percepção da importância da história (pelos alunos), nem a vivência de diversos e possíveis procedimentos metodológicos, tornam-se mais graves quando ocorrem nos cursos de formação de professores em nível médio. Os alunos destes cursos, adolescentes em sua maioria, ao formarem-se, estão habilitados para atuar como docentes nas classes de séries iniciais do ensino fundamental, (1º a 4º séries). Ou seja, sua clientela será formada de crianças de 7 a 10 anos que ainda estão por construir sua noção de tempo histórico e sua compreensão das transformações feitas pelo homem ao longo deste tempo.

A experiência docente com os alunos dos cursos de magistério permitiu perceber essa lacuna e gerou uma inquietação a respeito dela.

Já é preocupante uma disciplina não sensibilizar os alunos ou ser por eles considerada de importância secundária. O quadro se agrava ainda mais quando o futuro papel a ser desempenhado por estes alunos é o de ensinar, de despertar interesses e paixões por todos os ramos da ciência.

Diante disso, o presente estudo pretende ser uma contribuição às discussões acerca da metodologia do Ensino da História, ou seja, demonstrar que a história é viva e dinâmica, que seu objeto de estudo se concretiza nas paisagens deixando marcado o conteúdo dos tempos e discutir através do recorte da história local, a importância desta disciplina para a compreensão da realidade e para a preservação e a valorização da memória local/regional.

O encaminhamento metodológico considerado mais adequado à proposta deste trabalho foi o que chamamos de Estudo do Meio. O local escolhido para este estudo foi a Cidade da Lapa. Esta escolha obedeceu alguns critérios a saber:

- 1- Ser esta uma importante cidade histórica do Paraná.
- 2- Centro Histórico tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional (1992).
- 3- Proximidade e fácil acesso com relação a Curitiba.
- 4- A cidade já tem um projeto de preservação e valorização da memória local.
- 5- Conta com guias especializados nas visitas dirigidas.
- 6- Possibilidade de agendamento das visitas nos finais de semana.

O trabalho estruturou-se no contexto da disciplina de Metodologia do Ensino da História, constante na grade curricular do quarto ano do curso de Magistério. Todas as turmas da série foram envolvidas, mas por tratar-se de uma atividade desenvolvida nos finais de semana teve caráter de convite e não

de convocação. Os alunos das 5 turmas de quarta série, do ano letivo de 1999 foram organizadas em grupos que visitaram a Lapa em datas distintas. Cada grupo percorreu exatamente o mesmo roteiro dos demais. Em cada parada nos pontos de visitação, além da explicação do guia sobre o fato histórico daquele local a professora construiu as amarras teóricas relacionadas ao objeto de estudo e à metodologia de ensino.

A apresentação do trabalho foi dividida em 4 partes. A primeira, explicita o histórico da Cidade da Lapa, subdividido em dois capítulos, sendo o primeiro capítulo sobre o Tropeirismo e o segundo, sobre o Cerco da Lapa.

Na segunda parte do trabalho desenvolveu-se o Encaminhamento Metodológico do Estudo do Meio, realizado com as alunas do último ano do Curso de Magistério. A terceira parte é a Conclusão, seguida da quarta e última etapa do trabalho que é a Implementação do Projeto.

1. HISTÓRICO DA CIDADE DA LAPA

A cidade da Lapa que, em 8 de dezembro de 1992 foi tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, nasceu sob a égide do tropeirismo. É uma das cidades da rota que os tropeiros com seus muares percorriam até chegar às feiras de Sorocaba, em São Paulo. Neste local, João Pereira Braga estabeleceu uma estalagem com cama, bom vinho e comida farta e logo foi surgindo um povoado que, em 13 de Junho de 1769 foi elevada à categoria de Freguesia Nova de Santo Antonio da Lapa.

Afonso Botelho de San Payo e Sousa iniciou a construção da Igreja de Santo Antonio, centralizando a freguesia e fixando seus habitantes. Em 13 de Junho de 1806 a Freguesia é elevada à categoria de Vila Nova do Príncipe e, em 7 de março de 1872 recebe o nome definitivo de Lapa. Já como cidade, alcança na época, grande importância pelo seu comércio dinâmico e progressista, além de viver um crescente movimento cultural com a edificação do **Theatro São João**, sede da Associação Literária Lapeana, fundada em 29 de Julho de 1873. O teatro que ainda conserva a arquitetura original, recebeu em 1880 a visita da Imperatriz Teresa Cristina e do Imperador D. Pedro II.

A história militar da cidade também é recheada de episódios registrados como os que culminaram no Cerco da Lapa, um dos cenários da Revolução Federalista de 1894. Nesta ocasião, sob o comando do Coronel Antonio Ernesto Carneiro, 900 legalistas republicanos entre civis e militares, enfrentaram o avanço do exército revolucionário, (chefiado por Gumercindo Saraiva), os legalistas resistiram ao ataque dos federalistas durante vinte e seis dias, consolidando com este episódio a República no Brasil.

Com o fim da economia tropeira, no início do século XX, a Lapa procura, na extração da erva-mate, sua sobrevivência e, nesta época, chegam os primeiros imigrantes italianos, germânicos e eslavos, que se dedicaram à agricultura.

A beleza do casario secular desta cidade, o misticismo da Gruta do Monge (abriga a lenda e a história do beato João Maria), e outros personagens que fazem parte da história, que nasceram na Lapa (primeiros médicos, advogados, políticos e engenheiros paranaenses), fazem dela um pólo crescente de turismo e compõem cenário perfeito para as casas antigas e restauradas. Histórias, lendas, comida farta e típica, artesanato variado, cultura que mescla várias tendências lhe conferem um aspecto único, original e fascinante.

2 – CAMINHOS E DESCAMINHOS DOS TROPEIROS

“A Lapa nasceu sob o toque do berrante, ao compasso das tropeadas e pela coragem daqueles desbravadores que rasgando os sertões, produziam riquezas, progresso e cidades.”

(Joaquim Gonçalves)

O caminho das Tropas foi fundamental sob o ponto de vista político e econômico na integração do Brasil lá pelos idos de 1731. Foi através do comércio — normalmente originado pela compra e venda de gado — que foram surgindo a instalação de povoados ao longo do caminho que ia do Paraná, de sul a nordeste, em direção ao Estado de São Paulo — à cidade de Sorocaba, que na época era importante entreposto para quem vinha do Sul com direção a Minas Gerais.

Era um comércio intenso e rico, principalmente porque em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, na época territórios ricos em mineração, não havia produção agrícola e nem criação de gado, sendo portanto, totalmente dependentes de outros Estados. Isso impulsionou no Sul, a criação de “criadouros” que supriram as necessidades alimentícias e de transporte — principalmente mulas.

As tropas que vinham do Sul — Viamão e Vacaria do Continente de São Pedro do Rio Grande — faziam seu “pouso” em Curitiba e nos campos gerais. Motivo: o território ficava bem no meio do trajeto.

O resultado foi que o Paraná teve um impulso significativo no início de sua história com o surgimento no planalto de um negócio

altamente rentável — as **invernadas** que eram pastagens nas quais ficavam os gados para se recuperarem da viagem até seguir adiante. Isso ainda impulsionou o início de grandes fazendas nessas regiões. Outro fator interessante foi o incremento do comércio entre o Sul e o Estado de São Paulo.

A história do tropeirismo no Paraná pode ser assim resumida: século XVIII, pelo caminho das Tropas passavam bois e mulas para Minas Gerais; no século XIX, em função do café ir para São Paulo e, nas primeiras décadas do século XX, para o Norte do Paraná.

Além disso um fato importante e que merece registro é que o Caminho das Tropas impulsionou e levou adiante a criação de pequenos povoados ou vilas. Em sua extensão foram aparecendo novos lugarejos com vida própria, comércio, e prosperavam com o decorrer do tempo. Algumas dessas vilas (hoje cidades importantes) são: Rio Negro, Lapa, Ponta Grossa, Castro, entre outras.

3 – O CERCO DA LAPA: A HISTÓRIA DE MUITAS HISTÓRIAS

“O feito e a proeza dos bravos da Lapa trouxe dias de luto e de heroísmo, horas lentas de agonia e bravura, momentos de esperança e desalento. Foi uma odisséia de dor a confundir-se com uma epopéia de heroísmo. Odisséia escrita com lágrimas, epopéia escrita com sangue. Espetáculo horrível e belo! Horrível, porque eram todos irmãos e de todos os lados espadanava rubro e espumante e sangue brasileiro. Era belo, porque um punhado de bravos se debatia em nome da lei e fazia recuar a falange poderosa.”

(João Cândido Ferreira)

Após a Proclamação da República, em 1889, surgem divergências em diversos pontos do país, como em Minas Gerais, Maranhão, Amazonas, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul.

Com a renúncia do Marechal Deodoro e a consequente subida do vice-presidente Floriano Peixoto ao poder, acreditava-se que as províncias pacificavam-se espontaneamente.

Tal não aconteceu e o Rio Grande do Sul é invadido pelos revolucionários federalistas (do Partido Nacional Federalista) chefiados por Silveira Martins que insatisfeitos, combatem o governo de Floriano Peixoto.

Para defender o governo de Floriano Peixoto bateram-se, no Rio Grande do Sul, os republicanos (do Partido Republicano) seguidores de Júlio de Castilhos, chamados também de castilhistas.

Outros movimentos anti-Florianistas como a Revolta da Armada, sob o comando do contra-almirante Custódio de Melo vão reforçar a Revolução Federalista.

Existem várias opiniões sobre quais seriam os verdadeiros ideais que determinaram esse movimento revolucionário: alguns desgostosos com a

política pretendiam a volta da monarquia; outros queriam a República, mas sem Floriano no poder; outros ainda pensavam num presidencialismo moderado ou um parlamentarismo republicano (formas menos centralizadas de governo) e chegou-se até a cogitar pela separação do Rio Grande do Sul e a união com o Estado Oriental (Uruguai).

Joca Tavares e Gumercindo Saraiva, revoltosos, aparecem já nas primeiras batalhas, no Rio Grande do Sul, contra os castilhistas, nos meses de setembro e outubro de 1893. Depois de bater-se com a Divisão do Norte, Gumercindo dirige-se a Santa Catarina, onde encontra simpatizantes e ao Paraná, onde o governo estadual era-lhe totalmente hostil.

A coluna federalista foi perseguida pela Divisão do Norte até a cidade de Itajaí de onde voltou e ficou na divisa de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul aguardando a volta dos federalistas, o que realmente aconteceu.

Estava aberta a guerra entre “maragatos” e “pica-paus”.

Os maragatos, federalistas, assim pejorativamente denominados, com suas fitas vermelhas, onde se lia o dístico de “Viva a Liberdade” e os pica-paus, castilhistas, com divisas brancas e o boné vermelho que lembrava o pássaro.

Eram chamados maragatos, no Uruguai, os descendentes de imigrantes espanhóis, oriundos da Maragateria, situada na província de Leon, Espanha. Caracterizam-se estes pelo culto ao trabalho, à economia, o profundo respeito às crenças e um exaltado amor à família.

Os Pica-paus eram os governistas, guardavam a semelhança das listras brancas que enfeitam o topete vermelho daquele pássaro e que lembrava as

divisas brancas que os republicanos levavam nos seus chapéus, parecidos com o bico de um pica-pau.[LAPA (cidade),1994].

Floriano Peixoto vendo ser impossível a pacificação do Sul, resolveu debelar a revolução enviando como comandante do 5º Distrito Militar o General Francisco de Paula Argolo.

O General Argolo chegou a Paranaguá em outubro de 1893 e reuniu em Curitiba uma força expedicionária, sob o comando dos Capitães Fábio Patrício de Azambuja e de Fredolin Costa, e a 17º Infantaria do Regimento de Segurança do Paraná sob o comando do Coronel Dulcídio Pereira.

Chegaram, na Lapa, dia 31 de outubro, sendo recebidos pelo cidadão Joaquim Lacerda e sua tropa composta de 60 homens.

Nos primeiros dias de novembro começou a investida militar pelo rio da Várzea até o Rio Negro rumando para Santa Catarina.

Argolo decidiu retroceder preocupado com a impossibilidade de um envolvimento na Lapa. Quando as forças do Coronel Lacerda chegam à ponte do rio da Várzea, constatam que esta foi destruída por um piquete de revoltosos. Tão logo o trânsito foi restabelecido, as duas brigadas voltaram à Lapa.

Como Argolo perdeu muito tempo nessas marchas, o Marechal Floriano deu ordens para que, da Lapa, as forças não recuassem mais.

No Paraná, os setores da luta armada, além da Lapa concentravam-se em Paranaguá e Tijucas, as quais capitularam diante do exército revolucionário.

Restava apenas a Lapa, na retaguarda dos federalistas.

No dia 02 de dezembro de 1893, o General Argolo passou o comando das operações ao Coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro e o comando do Distrito ao General José Maria Pêgo Júnior.

Para Gomes Carneiro a missão era demasiadamente espinhosa: barrar a passagem dos federalistas e salvar a República.

A 14 de Janeiro, da Lapa, foram avistadas as forças atacantes entre os kms. 3 e 4 da estrada de ferro, calculadas em 1.200 homens.

Carneiro resolveu iniciar as fortificações provisórias, da cidade, usando lajes de calçamento, sacos de areia, amparados em pranchões, para poder defender-se do cerco que viria.

Durante dias os federalistas apertaram o cerco da cidade e o Coronel Engenheiro Antônio Ernesto Gomes Carneiro iniciava a sua resistência.

Mesmo tendo notícias que os revoltosos haviam tomado Paranaguá, Tijucas e Curitiba e, que Vicente Machado e o General Pêgo Júnior evadiram-se para São Paulo, o General Carneiro não aceitou conversar com nenhum emissário sobre uma possível rendição.

A Lapa esteve empenhada, no dia 21 de Janeiro de 1894, em um dos mais sérios combates do cerco. Carneiro ordenou recuo e os federalistas tomaram sucessivamente a Estação da Estrada de Ferro, o Cemitério e o Engenho Lacerda, passando a resistência a ser feita das trincheiras.

Começou por parte dos federalistas “brancos”, isto é, dos federalistas da Lapa, o trabalho de intrigas e boatos falsos e de informações às forças

sitiantes. Isso porque a maioria da população não estava aguentando o cerco e queria o fim da revolução.

No dia 7 de Fevereiro seria ferido mortalmente o General Carneiro. Sua vontade de vencer, contudo permanecia inabalável. Mesmo assim, não aguentou mais que dois dias. Acamado, recebia visitas de soldados e oficiais que vinham pergunta-lhe qual a ordem do dia. A ele só cabia uma resposta: **“Resistamos, camaradas... resistamos!”**

A Lapa estava derrotada, todavia, a represália republicana da cidade, operou-se de forma tão intensa que os revolucionários sofreram enfraquecimento geral de seus exércitos e prostaram-se derrotados a alguns quilômetros da Lapa. A República vencera!

Em reunião com os oficiais e considerando a impossibilidade de resistência, a precária situação da tropa e da população da cidade, já em gêneros alimentícios, os legalistas aceitaram parlamentar com os federalistas sobre as cláusulas da capitulação. A Lapa capitula no dia 09/02/1894, com a morte do General Carneiro.

A sociedade lapeana, por muito tempo, fragmentou-se em duas metades – federalistas de um lado, republicanos de outro -, cada qual com seu clube, seu jornal, seu círculo de amigos, seu time de futebol, seu grupo carnavalesco, não permitindo, inclusive, a união matrimonial entre seus membros. Evitou-se, por muitos anos reavivar ressentimentos e reabrir velhas chagas. Foram feitas “vistas grossas” às perseguições e banditismos, recusando-se, os habitantes, por muitos anos, referir-se à revolução, a fim de que os ânimos se acalmassem.

Palco do Cerco da Lapa, as ruas da cidade ainda preservam parte deste episódio que marcou a trajetória política e militar do Brasil.

O Museu das Armas é um importante ponto de parada para visitação, para se entender de que maneira se desenrolou este fato que teve repercussão nacional / regional e local, devido aos acontecimentos políticos fervorosos no início do período republicano. Estão expostos armas, indumentárias e objetos, utilizados durante esta fase histórica brasileira. Segundo a aluna Claudia Kaltauskas,(4  E)...” Visitamos o Museu das Armas, que no momento pareceu-me ter voltado no tempo, com objetos do Cerco da Lapa, onde tive a oportunidade de estar tão perto deles e compreender melhor a história...”.

Outro ponto que merece ser destacado durante este passeio histórico é a Casa Lacerda, com sua arquitetura luso-brasileira, seu mobiliário mostrando a vida da família do século passado. Nesta casa foi assinado o termo de capitulação do Cerco que nos permite visualizar sua importância e voltar na história como observou a aluna Ilza Venâncio (4  B) ...” O passeio pela cidade da Lapa foi uma viagem no tempo: o Teatro, a Igreja Matriz de Santo Antonio, a Casa Lacerda e seus móveis, o Museu das Armas, dava até para nos imaginarmos naquela época”...

Em seus estudos, **JEAN GL NISSON**, “Iniciação aos Estudos Históricos”, faz o seguinte comentário: ...”Os estudos locais sempre constituem-se em significativa fonte, quando não diretamente para os assuntos de que tratam, então – certamente – para pesquisas concernentes à mentalidade dominante nos dias de sua elaboração. O mesmo acontece, enfim, com qualquer outro ramo literário, em qualquer época do país. Nunca poderemos esquecer, por exemplo, o muito que se pode buscar de história dos costumes, ou de história das idéias”... (p. 272) .

Sendo a história local uma preciosa fonte de resgate da memória, verifica-se que o Cerco da Lapa teve uma forte e significativa contribuição no cenário histórico - nacional, fazendo um elo de ligação entre a história regional/local, possibilitando-nos conhecer o seu valor, especialmente na historiografia paranaense.

As preocupações com a utilização das fontes ou pelo menos a aproximação delas com o ensino da história, não é nada recente, principalmente com relação ao modo de preparar os alunos para a recepção e interpretação crítica das informações contidas no universo de cada situação do aprendizado.

4. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

“Ler significa reter e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são os seus olhos e qual a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre sua releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem vive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume as chamadas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre sua interpretação. Sonda assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir de mundo que habita.”

(Leonardo Boff)

O nascimento deste projeto se deu através de uma idéia (discutida em aula, da disciplina de Metodologia do Ensino da História) que surgiu ao se trabalhar com a produção do conhecimento histórico, ou seja, analisando os conceitos de História, Fato e Fonte Histórica. Ministrando aulas para as alunas do 4º ano de Magistério, cogitou-se a possibilidade de averiguar, analisar e, naturalmente, conhecer um outro lado da História, vivendo a práxis pedagógica da disciplina

A princípio o trabalho apresentava-se tímido, gradativamente muitos questionamentos vieram à tona, o “FAZER” era sério, a responsabilidade assumia proporções gigantescas, mas acima de tudo, a vontade de vencer o desafio prevalecia.

De modo que a aula de campo foi sugerida e, a cidade da Lapa escolhida para o desenvolvimento do estudo do meio, onde verifica-se que é uma antiga proposta de atividade, porém esquecida em alguns momentos e considerada perigosa em outros, mas que sempre enriquece quando incorporada por professores e alunos.

Estudar o meio não significa uma simples atividade, recurso ou técnica a ser empregada; é um método de pesquisa e análise.

Logicamente algumas etapas devem ser seguidas, como por exemplo:

- a) Motivar os alunos a observarem o local.
- b) Verificar se este estudo proporciona multidisciplinaridade.
- c) Fazer estudo prévio do lugar a ser visitado.
- d) Sistematizar o conhecimento adquirido.

Neste caso, a Lapa é apresentada como objeto do nosso estudo, pois nos proporciona visualizarmos e participarmos como integrantes da construção do saber histórico, através do resgate da memória.

Como afirma **NORA** apud **POLLAK** “... é uma tentativa de encontrar uma metodologia para apreender, nos vestígios da memória, aquilo que pode relacioná-los, principalmente, mas não exclusivamente, com a memória política...”(p. 200).

Com tais considerações em mente foram iniciados os primeiros contatos, com o Departamento de Turismo da Lapa (aproximadamente 90 km de Curitiba), onde existe um projeto de guias mirins que viabilizou o referido estudo.

No segundo momento levou-se ao conhecimento do setor técnico-pedagógico da escola (diretores, coordenadores), a intenção, justificativas e objetivos do projeto.

Houve um convite às alunas do Curso Magistério para participarem de tal evento, as quais não puseram nenhum obstáculo. Para a surpresa de todo o corpo docente, se manifestaram a favor da idéia, pois com este trabalho, elas adquiririam experiência na futura vida profissional, além de obterem uma lição de vida.

As viagens aconteceram em três momentos. No dia 11/04/99, a primeira turma, ou seja, 4º A saiu para o trabalho de campo com 35 alunas. No dia 25/04/99, as turmas B e C, com 50 Alunas e, no dia 16/05/99, as turmas D e E, também com 50 alunas.

Durante a elaboração deste trabalho percebeu-se, ainda, que se pode, enquanto docente, verificar que com a história local e a educação patrimonial os objetivos podem tornar-se mais claros e, com isso, os profissionais sentir-se-ão motivados para conhecer mais profundamente a história e, conseqüentemente valorizá-la. POLLAK faz uma observação em seu estudo sobre “Memória e Identidade Social, onde reflete da seguinte maneira: “(...) Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (p. 202 e 203).

O resgate e a preservação da história da Lapa é forte e valorizada pela comunidade. Nota-se este fato, especialmente, por dois momentos marcantes da sua trajetória: através do episódio conhecido como o Cerco da Lapa (Revolução Federalista) e pela história dos Tropeiros (importante movimento acontecido no sul e sudeste do Brasil, de cunho econômico, político e social) e que tiveram repercussão não somente local, mas também em âmbito nacional.

Ao entrar-se na Lapa, fica difícil não participar de sua história, pois faz-se um “**tour panorâmico**” em suas ruelas. Sem dúvida se respira, resgata e preserva sua memória.

O roteiro de visitação compõe-se dos seguintes pontos pré-selecionados em sala de aula, antes de iniciarmos a viagem para a Lapa:

- 1- **Monumento ao Tropeiro:** Na entrada da Lapa. Mural do artista plástico Poty Lazarotto. (Fotos 1 e 2). A aluna Kellye Alves (4ºB), fez o seguinte comentário: ...”A primeira visita foi ao portal na entrada da cidade, onde foi possível analisar a “caminhada” dos tropeiros e seus costumes...”.
- 2- **Parque Estadual do Monge:** Gruta onde viveu o místico monge João Maria d’Agostinis. Lugar de renovação da fé. A aluna Carla Soares, observa o seguinte:...”Descemos a longa escadaria, pude ver o altar onde muitas pessoas deixam pedidos, agradecimentos e acendem velas...”.
- 3- **Theatro São João:** Inaugurado em 1876, como sede da Associação Literária Lapeana e Biblioteca. Arquitetura neo-clássica. (Fotos 3 e 4). A aluna Márcia Santos, faz o seguinte comentário: ...”Foi muito interessante conhecer o Theatro São João, além da sua beleza, pessoas importantes como D. Pedro II, por exemplo, o visitou. Servindo também como esconderijo e hospital, durante o Cerco..”.
- 4- **Praça General Carneiro:** Onde está a estátua do General da República, o busto de Hipólito Alves Araújo e várias construções antigas. (Foto 5).
- 5- **Igreja de Santo Antonio:** Inaugurada em 1784 é o marco arquitetônico mais antigo da cidade. O seu interior serviu como cemitério até 1820. A aluna Paula Choinski, afirma que: ...”Nunca tive a oportunidade de conhecer uma Igreja em que os escravos eram separados das outras pessoas e só podiam “ouvir” a missa e não participar dela. Isto realmente é entender a história...”.
- 6- **Casa Lacerda:** Atualmente Museu. Faz parte de um importante conjunto arquitetônico mais bem conservado. (Foto 6). A aluna Maria de Nazaré

(4º D) descreve, assim: ...”Foi uma viagem no tempo, seus móveis, objetos, roupas. Calçamos chinelos especiais para preservação e conservação do ambiente. Local este conhecido por ter sido assinado o termo de capitulação do Cerco da Lapa. Sem dúvida estou vendo a história com outros olhos...”.

- 7- **Phanteon dos Heróis:** Guarda os restos mortais dos que participaram do Cerco da Lapa. É o mais importante e significativo Monumento Cívico do Paraná. A aluna Josiane Marques (4ºE), tece o seguinte comentário:...”A arquitetura deste local é muito interessante, acredito que é o 1º monumento “diferente” que olhei na minha vida. ...”.
- 8- **Casa da Memória ou Casa dos Cavalinhos:** No calçadão do Centro-Histórico, guarda toda a memória da cidade através de documentos, fotos e o arquivo histórico. (Foto 7). A aluna Rosana Ribeiro (4º C) diz que:...”É impressionante como neste local nós percebemos que existe a ligação entre aluno/professor e história...”.
- 9- **Museu das Armas ou Casa de Câmara e Cadeia:** Em prédio do século passado; funciona no andar de cima a Câmara Municipal e no térreo abriga o Museu das Armas, com valiosas peças do Cerco da Lapa. Segundo observação da aluna Denise Vilela: ...”Depois que fizemos este trabalho de campo, minha visão mudou. Conhecer este Museu, foi sem, dúvida “participar” do Cerco da Lapa...”.
- 10- **Museu dos Tropeiros:** Com um variado conjunto de objetos, utensílios, roupas, mostra como era a organização das Tropas e a vida dos Tropeiros. (Fotos 8 e 9). Diz a aluna Deisily de Quadros (4º A) ...”É emocionante passar pelos lugares onde os tropeiros passaram no início do século...”.

Ao iniciar-se a visita aos diversos pontos turísticos notou-se um grande entusiasmo das professorandas, pois para elas, o que seria apenas mais uma

aula de História, foi ganhando espaço que outrora não existia, ou apenas estava “adormecido”. De DECCA afirma, em seu estudo sobre Memória e Cidadania: “A memória é a vida, sempre guardada pelos grupos vivos e em seu nome, ela está em evoluções permanentes, abertas à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e de súbitas revitalizações. A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente...” (p.130).

É através desta preservação da memória que as alunas verificaram que a História não é um mundo fechado, que não se resume apenas em livros, ou em “decoreba” de infinitos e desgastados questionários e que, cidades como a Lapa, por exemplo, não são simplesmente um depósito de “coisas velhas”, mas sim, um lugar de memória, de respeito, pois são apresentadas de forma organizada no dia-a-dia de uma sociedade que está permanentemente resgatando e valorizando sua história.

No comentário da aluna Ana Paula Osatchuk (4º C), observa que: ...”O estudo de campo, que fizemos na aula de Metodologia do Ensino da História, à cidade da Lapa, foi muito importante na construção do conhecimento de todas as alunas, pois ver na prática, o que já havíamos visto na teoria é muito diferente, ou seja, sempre ouvimos falar de fontes históricas, e os exemplos que vinham em nossas mentes, eram muito distantes, fora da nossa realidade, e com essa aula, tudo mudou...”.

Alguns princípios norteiam essa forma de organização do trabalho especialmente com a disciplina de Metodologia do Ensino da História. Um deles é que o processo de aprendizagem do homem ocorre mais facilmente, com maiores rendimentos, quando se faz do “próximo” para o “distante”. Um outro momento assegura que o processo de aprendizagem dá-se de maneira mais proveitosa quando caminha do “concreto” para o “abstrato”. Daí

quando saímos para o trabalho de campo e conseqüentemente o estudo do meio, nota-se um **“olhar”** por parte das alunas de entusiasmo e **“descoberta”**. Quando se percebe o concreto, a história passa a ser compreendida.

Observa a aluna Monica Brotto Handa, (4ºA): **...”Acredito que o trabalho de campo é muito importante para a compreensão do meio, pois através dele nos envolvemos com o concreto...”**.

O aluno Ricardo Bindo (4ºA), reforça a idéia de que **...”Só o fato de ser uma aula de campo, desvinculada dos moldes tradicionais, já estimula os alunos. Nesse tipo de aula, o aluno não “lê” apenas a história, ele “vê”, “lê”, “ouve”. Ele sente a história e passa a compreendê-la e, naturalmente o aprendizado torna-se mágico...”**.

Em seu estudo Memória e História, **MONTENEGRO**, (1983) observa: **“Na encruzilhada de tantas disputas, os permanentes esforços de criar campos documentais a partir dos registros da memória apresentavam-se como um território de resistência e extensas potencialidades. Resistência à forma como a sociedade costuma operar a informação anulando todo saber construído a partir das experiências da vida, construindo esta na própria substância da memória”**. (p. 11).

5- CONCLUSÃO

Através do presente estudo pode-se concluir que, trabalhar com a história local, especialmente na Metodologia do Ensino da História é, sem dúvida, **RESGATAR, PRESERVAR e VALORIZAR** a História em questão.

Notou-se que o estudo do meio merece destaque quando é levado a sério pelo profissional, em especial pelos futuros profissionais da educação. Esta seriedade deve estar presente em todos os movimentos e ações que o pesquisador deseja alcançar, porque acima de todas as expectativas estão as metas a serem atingidas. Exemplo disso é o testemunho da aluna Michele V. Fressato,(4ºE) que afirma: ...”Ajudou-me em especial, a conhecer um pouco mais da história do tropeirismo no Paraná, pude levar aos alunos, conhecimento sem medo, mostrar fotos, materiais para melhor entendimento do mesmo...”.

Nota-se pelo depoimento da aluna acima citada, que conhecer a história da Lapa, neste caso, a organização das Tropas, conhecido como Movimento Tropeiro, é sem dúvida enriquecedor. Quando elas entram em sua sala de aula como professoras e dividem com seus alunos a prática histórica vivenciada no trabalho de campo, a aula torna-se mais agradável e motivadora.

O depoimento expressa a seriedade da postura profissional da aluna que já leciona e passa a trabalhar com a história local de forma científica e consistente, ao aprofundar a prática pedagógica, promovendo a articulação local – regional – nacional.

O estudo do meio não constitui, em absoluto, uma novidade. Como outras “inovações” pedagógicas, foi introduzido na escola de uma maneira formal, destituído de seu valor e sentido real.

Dentro do estudo do meio, a análise de testemunhos, por exemplo, é um exercício para investigar a história local. Os trabalhos deste tipo podem ser considerados de diversas maneiras:

- investigar a história do lugar em que se vive como um aspecto integrado dentro de um estudo completo do meio;
- como procura de causas e/ou antecedentes na investigação de um determinado problema.

Os estudos de História local estão ligados ao estudo da História nacional: por meio dela pode-se motivar o estudo de um problema em escala nacional ou, ao contrário, ver a repercussão, no plano local, de um fato histórico nacional.

As dificuldades encontradas para desenvolver este trabalho de campo estão ligadas ao não apoio pedagógico escolar; esbarra-se também com a questão sócio-econômica dos alunos por estarem em uma escola pública e, conseqüentemente terem problemas financeiros, inviabilizando sua ida no desenvolvimento deste estudo; condições climáticas desfavoráveis no momento da viagem; em geral a escassez de testemunhos para trabalhar na investigação da História local; reformas nos monumentos a serem visitados, causando transtornos; intervenção negativa por parte das autoridades na preservação do patrimônio cultural (falta de incentivo).

A escola, o professor, o aluno e a comunidade em geral, devem unir forças para se conscientizarem que a história local só terá seu valor, seu reconhecimento regional - nacional - mundial, quando existir uma interação entre passado e presente. Para que isto ocorra, o resgate da memória é

imprescindível, tem que acontecer sempre, como forma de viabilizar a construção da cidadania.

A cidade da Lapa é um exemplo digno, onde a cada passo que se dá, vivencia-se e respira-se história presentes no seu povo, em seus gestos e atitudes, monumentos, ruas, paisagens e em todos os acontecimentos que fazem dela única e absoluta.

**PROJETO DE IMPLEMENTAÇÃO DO ESTUDO DO MEIO / ESTUDO DE CASO
CIDADE DA LAPA**

OBJETIVOS	NÚMERO DE HORAS	ATIVIDADES	RECURSOS
1-Fundamentar através de leituras sobre o objeto de estudo da história.	2	Estudo Teórico	Textos Exposição oral Sala de aula
2- a) Discutir o estudo do meio como alternativa que possibilite a percepção concreta do objeto da história. b) Preparar o estudo do meio da cidade da Lapa. c) Viabilizar o estudo através de agendamentos com a cidade da Lapa. d) Contactar com empresa de ônibus, pais e/ou responsáveis dos alunos. e) Articular com o corpo técnico-pedagógico da escola o estudo.	5	Preparação do estudo do meio	Textos Debates Mapas
3- Realizar com as alunas um plano de atividades, constatando os objetivos e os procedimentos a serem efetivados durante a visita.	24	Estudo do meio	Ônibus Máquina fotográfica Filmadora Visita a museus e monumentos
4- a) Organizar seminários e produção de textos a respeito do estudo do meio. b) Discutir a importância do estudo do meio na história, sob dois aspectos: 1-Tornar concreto seu objeto de estudo, rompendo com a prática pedagógica limitada a sala de aula. 2-Possibilitar às alunas uma vivência diferenciada em sala de aula no momento do estágio.	5	Sistematização dos dados (do conhecimento)	Fotos Exposição dialogada Sala de aula Vídeo Filme

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Aimoré Índio do Brasil. Um Modo de Vida (Cadernos do Patrimônio) **“Uma História de Caminhos”**. Prefeitura Municipal da Lapa.p.08

CADERNO COMEMORATIVO AOS 100 ANOS DO CERCO DA LAPA – 1894 – 1994. Prefeitura Municipal da Lapa. p.09,10.

CARNEIRO, David. Rastro de Sangue. Curitiba,1991...**O Cerco da Lapa e seus heróis**. Bibliex, Rio de Janeiro, 1991.

DECCA, De Edgar. Memória e Cidadania. **O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo,1990. Brasiliense.6° edição.p.130

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História oral**. Fundação Getulio Vargas. 2° edição.1998.

FOLDER. **“ LAPA: UM INESQUECÍVEL PASSEIO PELA HISTÓRIA”**. Prefeitura Municipal da Lapa.

GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos Estudos Históricos**. São Paulo Ed. Bertrand Brasil, 1991. 6° edição. p.272.

HALBSWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 85 – 89.

LUPORINI, Teresa Jussara. **História local: possibilidades de aplicação no ensino** de 1° e 2° graus. 1996.

.....**Os “lugares da memória” no Estado do Paraná: demandas e políticas** pela preservação do patrimônio cultural. Campinas, 1997. (Tese doutorado). UNICAMP.

MONTENEGRO, Antonio T. Memória e história. In: **O Tempo e o Cotidiano na História**. São Paulo: FDE, 1983. Série Idéias, n. 18.

Órgão Informativo da Prefeitura da Lapa. **A LAPA** (1ª e 2ª Quinzena de Janeiro – 1994). Edição Histórica. Cerco da Lapa. p.04

PENTEADO, Heloisa Dupas. **Metodologia do Ensino da História e Geografia**. São Paulo. Cortez Editora, 1991. (Coleção Magistério – 2º Grau – Série Formação do Professor).

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**, São Paulo .Editora Atual,1997. p.202 - 203

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**. v.9, n.19, set.89/fev.90, p.219 – 243.

SCHIMMIDT, Renê João. Vida de Tropeiro. **“O Importante é não Acabar a Tradição”**. Caderno elaborado com o apoio da Prefeitura Municipal da Lapa.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado (História e Comunidade)**. São Paulo. Paz e Terra, 1992.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**, 1º Volume, Grafiper, Curitiba, 1969.

ANEXOS



Foto 1- Monumento ao Tropeiro – Lapa – Foto de Valesca G. Litz



Foto 2- Monumento ao Tropeiro – Lapa – Foto de Michele V. Fressato

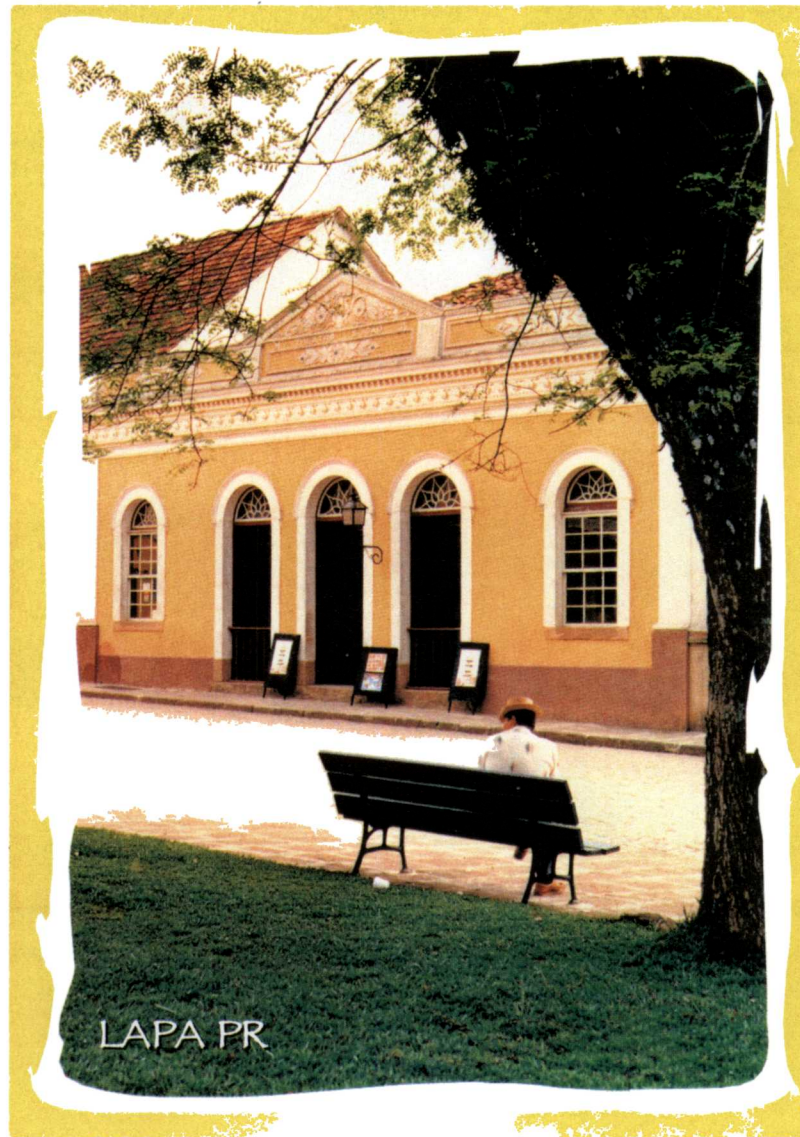


Foto 3- Theatro São João – Lapa – Foto de Altivir Gaio Filho



Foto 4- Theatro São João – Lapa – Foto de Michele V. Fressato



Foto 5- Monumento do General Carneiro – Lapa
Foto de Michele Fressato



Foto 6- Casa Lacerda – Lapa – Foto de Valesca G. Litz



Foto 7- Casa da Memória – Lapa – Foto de Valesca G. Litz



Foto 8- Museu do Tropeiro – Lapa – Foto de Michele Fressato



Foto 9- Museu do Tropeiro – Lapa – Foto de Michele Fressato